

O MERCADO INTERNACIONAL E A VIOLÊNCIA: AS RELAÇÕES ENTRE A GUERRA DE SECESSÃO E A INDÚSTRIA TÊXTIL BRITÂNICA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX

THE INTERNATIONAL MARKET AND VIOLENCE: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE WAR OF SECESSION AND THE BRITISH TEXTILE INDUSTRY BETWEEN THE 18TH AND 19TH CENTURIES

Alberto Machado Santos¹

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: alberto.machado.jpa@hotmail.com

Luiz Felipe Brandão Osório²

²Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: luizfelipe.osorio@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-7809>

Recebido em: 08/04/2025 | Aceito em: 06/12/2025.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



RESUMO

O plantio de algodão e a confecção de tecidos foram respectivamente os principais responsáveis pelo sucesso econômico dos Estados Unidos e do Reino Unido em meados do século XIX. Essas atividades tinham fortes laços entre si, com os mercados de ambos os países dependendo mutuamente das exportações de matérias primas e produtos processados de um ao outro. Contudo, o sucesso nas plantações dos Estados Unidos somente foi alcançado a partir da violência, com o intenso uso da mão de obra de escravizados, e quando esse sistema de exploração foi ameaçado, a guerra civil foi instaurada no país. Tendo isso em mente, o artigo busca relacionar o desenvolvimento da produção de algodão estadunidense ao setor têxtil britânico ao longo do século XVIII e XIX, sendo isso feito a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com análise de documentos primários, artigos secundários e de caráter exploratório. Constatou-se na pesquisa que os agentes da indústria têxtil britânica influenciaram, direta e indiretamente, o desenvolvimento do cenário que culminou na eclosão da Guerra de Secessão, tendo impacto os Estados Unidos enquanto seu maior e mais importante fornecedor de algodão em todo o mundo e mudado a sua dinâmica de produção doméstica.

Palavras-chave: Guerra de Secessão; algodão; indústria têxtil britânica.

ABSTRACT

Cotton growing and textile manufacturing were respectively the main factors responsible for the economic success of the United States and the United Kingdom in the mid-19th century. These activities were closely linked, with the markets of both countries mutually dependent on each other's exports of raw materials and processed products. However, success on plantations in the United States was only achieved through violence, with the intense use of slave labor, and when this system of exploitation was threatened, civil war broke out in the country. With this in mind, this article seeks to relate the development of American cotton production to the British textile sector throughout the 18th and 19th centuries, and this is done through qualitative and quantitative research, with analysis of primary documents, secondary articles and exploratory articles. The research found that agents in the British textile industry directly and indirectly influenced the development of the scenario that culminated in the outbreak of the Civil War,



transforming the United States into the largest and most important supplier of cotton in the world and changing the dynamics of domestic production.

Keywords: Civil War; cotton; british textile industry.



INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1802 e 1861, os Estados Unidos ocuparam a posição de maior e mais importante fornecedor de algodão para a indústria têxtil do Reino Unido (Edwards, 1967, p. 93). Depois de décadas com uma produção restrita a pequenas quantidades de algodão de Sea Island na sua região costeira, a invenção da descaroçadora de Eli Whitney, no ano de 1793, permitiu o cultivo em larga escala do algodão de Upland no interior dos Estados Unidos (Ware, 2023, p. 8-9). Essa mudança de paradigma transformou regiões até então inóspitas da Carolina do Sul e da Geórgia nas maiores plantações de algodão no mundo, responsáveis por três quartos de toda a produção global desse insumo em meados do século XIX (Schur, 2001, p. 5).

Contudo, o sucesso nas plantações de algodão na América do Norte foi acompanhado pelo uso intensivo da mão de obra de escravizados, como citado por Peter J. Parish "o algodão e a escravidão eram os pilares sobre os quais se assentavam a economia e o modo de vida do sul" (Parish, 1975, p. 28, tradução nossa). Com a vitória de Abraham Lincoln nas eleições presidenciais de 1860, a sua ambição de frear o avanço da escravidão no país causou um grande descontentamento entre os empresários e agricultores do sul do país (Parish, 1975, p. 34-35). Poucas semanas depois da vitória do líder republicano, a secessão foi consumada, e os primeiros estados passaram a formar a Confederação. Com uma clara divisão política, geográfica e moral do país, os Estados Unidos se aproximavam a passos largos da deflagração de uma guerra civil (Parish, 1975, p. 44).

O objetivo geral do artigo científico é buscar as relações entre a indústria têxtil do Reino Unido e a Guerra de Secessão (1861 - 1865), delineado devido às frequentes menções sobre os efeitos do conflito na economia britânica, em especial nos artigos escritos por Karl Marx em jornais como Die Presse e New York Daily Tribune. Em "A crise na Inglaterra", por exemplo, Marx comenta sobre a consolidação do cenário de dependência do mercado britânico em relação às exportações de algodão estadunidenses, além de analisar como a repentina eclosão da Guerra de Secessão e o subsequente bloqueio marítimo imposto pela União contra as embarcações confederadas ameaçaram causar a maior catástrofe econômica da história do Reino Unido (Marx; Engels, 2022, p. 56-57).



O tema se mostra relevante ao evidenciar o potencial da influência de interesses privados estrangeiros na construção de um cenário de grande violência, tanto pela intensa exploração da mão de obra de escravizados nas plantações de algodão na América do Norte, quanto pela deflagração do conflito mais letal já enfrentado pelos estadunidenses, com um número estimado de 620.000 mortes (O'Neill, 2024). Tendo isso em mente, foi realizada uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com análise de documentos primários, artigos secundários e de caráter exploratório. O material bibliográfico usado na pesquisa se restringe ao recorte temporal entre os anos de 1750 e 1865 e ao recorte geográfico de países como os Estados Unidos, Reino Unido, além de incluir de forma secundária, os territórios dominados pelo Império Francês na Europa continental durante as guerras napoleônicas.

I. DISCUSSÃO E RESULTADOS:

A. O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO REINO UNIDO NO SÉCULO XVIII:

Segundo as informações apresentadas por Michael M. Edwards, até o ano de 1750, por conta das limitações no acesso aos insumos necessários para a confecção de roupas e tecidos, assim como as limitações técnicas dos bens de capital necessários para a sua produção, – como os maquinários responsáveis pelo processo de cardagem, fiação e tecelagem, por exemplo – a indústria têxtil britânica se restringia a produção de artigos considerados rudimentares, compostos por uma amálgama de diferentes insumos, como o algodão, linho, lã, cânhamo e dentre outros. Ou seja, até então, este setor era incapaz de confeccionar tecidos puros (Edwards, 1967, p. 4).

Uma das primeiras invenções que permitiu a quebra deste paradigma foi a *spinning jenny*, criada por James Hargreaves no ano de 1767 e patenteada no ano de 1770. O seu tamanho e custo eram pequenos, mas gerou um grande aumento na produtividade, diminuindo significativamente o tempo e o trabalho necessário para a confecção de tecidos (Edwards, 1967, p. 4). Ademais, por ser compacta, era possível usá-la em lugares com pouco espaço, como indústrias têxteis de pequeno porte ou até mesmo na casa dos próprios trabalhadores, permitindo assim a sua difusão por toda a Grã-Bretanha. Porém, uma das suas limitações, em especial nos seus primeiros



protótipos, foi a sua incapacidade de produzir urdumes, se restringindo a produção de tramas³ (Edwards, 1967, p. 4).

Contudo, mesmo com todos os benefícios gerados pela *spinning jenny*, foi a partir do *water frame*, criado por Richard Arkwright no ano de 1769 que o processo de fiação foi revolucionado. O *water frame* tinha algumas desvantagens em comparação com a *spinning jenny*, como o seu tamanho avantajado e a sua dependência de uma fonte de energia hidrelétrica, restringindo o seu uso aos grandes empresários da época, os únicos com o espaço e o capital necessário para instalá-los em suas fábricas (Edwards, 1967, p. 4-5). O seu grande diferencial, no entanto, foi a sua capacidade de produção de urdumes em grande escala, ofuscando assim quaisquer de seus pontos negativos (Edwards, 1967, p. 5).

Por fim, mesmo com todo o progresso alcançado com a introdução da *spinning jenny* e do *water frame* na indústria têxtil britânica, ambas as máquinas ainda não eram capazes de confeccionar tecidos puros. Logo, a fim de suprir uma demanda que se encontrava tanto no Reino Unido quanto no mercado internacional, no ano de 1779 foi criada a *Samuel Crompton's mule*, também conhecida como *spinning mule* (Edwards, 1967, p. 5).

Mesmo com o seu preço elevado e a necessidade de mão de obra especializada para operá-la, a *spinning mule* foi essencial não só para melhorar a confecção de tecidos em um sentido quantitativo, como também qualitativo, permitindo finalmente a produção de tecidos puros, estes que eram mais resistentes, confortáveis e valorizados (Edwards, 1967, p. 5).

A introdução de máquinas mais eficientes na indústria têxtil do Reino Unido em meados do século XVIII, para além de intensificarem o volume e a variedade de tecidos que poderiam ser confeccionados, também foram responsáveis por mudar as dinâmicas de organização do trabalho em diversas regiões em que essa atividade era empreendida. Em que, a fim de diminuir as suas atribuições burocráticas e se concentrarem na expansão de seus negócios, surgem as figuras dos mestres-tecelões.

Estes que eram grandes empresários da indústria têxtil e que passaram a fazer uma espécie de terceirização de suas atividades, contratando *festers* que eram responsáveis pela intendência

³A tecelagem de um tecido é feita a partir da interseção de fios que seguem uma orientação vertical e horizontal. Os fios mais longos e que seguem a orientação vertical são chamados de "urdumes", enquanto os fios menores e que seguem a orientação horizontal são chamados de "tramas".



de toda a cadeia na produção de tecidos (Edwards, 1967, p. 8). De acordo com Edwards “por volta da década de 1780 a maior parte dos tecelões, exceto os altamente talentosos que eram capazes de fazer trabalhos complexos, estavam recebendo ordens de *festers* representando grandes *master-manufacturers* em Manchester e em outros lugares” (Edwards, 1967, p. 9, *tradução nossa*).

B. A INFLUÊNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRITÂNICA NAS ÍNDIAS OCIDENTAIS:

Em fevereiro de 1786, em uma audiência na Câmara de Comércio do Reino Unido sobre o Tratado de Eden⁴, dois produtores de fustão chamados John Hilton e William Frodsham foram convidados para discutir os desafios enfrentados pela indústria têxtil britânica na época (Edwards, 1967, p. 75-76).

Uma das constatações feitas por Hilton e Frodsham foi a de que os empresários franceses tinham algumas vantagens em comparação aos britânicos, especialmente a facilidade de adquirir os insumos necessários para a confecção de seus tecidos, como linho, cânhamo e algodão, todos produzidos na própria França – sejam na Europa ou em suas colônias ao redor do mundo (Edwards, 1967, p. 76).

Com o objetivo de se colocar a par das mesmas condições de disponibilidade e acesso aos insumos tidos pelos empresários franceses, propuseram que as Índias Ocidentais ampliassem o seu cultivo de algodão, algo que rapidamente foi acatado (Edwards, 1967, p. 76).

Em março de 1786, o secretário de Estado das Colônias, Lorde Sydney, encaminhou uma circular aos governadores das ilhas que compunham as Índias Ocidentais, a qual pedia que “fornecessem toda assistência ao seu alcance às pessoas que estivessem inclinadas a empreender no cultivo de algodão” (Public Record Office, 1786; British Museum, 1788, p. 79 *apud* Edwards, 1967, p. 76, *tradução nossa*).

Em fevereiro de 1807, Hilton e Frodsham foram novamente convidados pela Câmara de Comércio do Reino Unido para tratarem sobre a produção de algodão nas Índias Ocidentais. Ao longo da conversa, foi decidido que o botânico polonês Anton Pantaleon Hove, seria enviado à

⁴O Tratado de Eden foi um acordo ratificado entre o Reino Unido e a França no ano de 1786 com o objetivo de promover o comércio entre os dois Estados. Sendo isso feito a partir da mútua diminuição de tributos em suas principais pautas de exportação, em especial tecidos à base de algodão britânicos e vinhos franceses. (HENDERSON, 1957, p. 104-108).



Índia em busca das melhores técnicas de plantio e variações de algodão demandadas pela indústria têxtil britânica.

Dois anos depois, de volta de sua expedição no Oriente, Hove trouxe consigo mais de 20 variações diferentes de algodão aos membros da Câmara de Comércio, os quais prontamente as encaminharam aos produtores de algodão das Índias Ocidentais em busca das suas opiniões. Poucas semanas depois, foi relatado que as sementes de algodão persas eram ideais para o solo e o clima da região. Quando soube da notícia, Hilton rapidamente contatou os seus amigos de Moscou e Constantinopla a fim de comprá-las (Edwards, 1967, p. 76-78).

Contudo, enquanto Hilton seguia em busca das sementes persas, Frodsham acreditava que as sementes de algodão ideais estariam no continente africano. Isso porque regiões como o entorno do Rio Gâmbia, Castelo da Costa do Cabo e Accra tinham uma produção espontânea de algodão de altíssima qualidade⁵.

De fato, amostras de algodão do Senegal foram enviadas aos dois produtores de fustão, estes que ao processarem o material em meadas de 140 *hanks*⁶, constataram que a qualidade era praticamente igual a qualquer algodão da Índia Oriental. Portanto, Frodsham via o continente africano não só como o lugar ideal para a descoberta das melhores variações de algodão, como também um possível território para a expansão do plantio desse insumo ao Reino Unido (Edwards, 1967, p.78).

Em um primeiro momento, os esforços de Hilton e Frodsham geraram resultados animadores, com um aumento de mais de 50% nas exportações de algodão das Índias Ocidentais ao Reino Unido entre os anos de 1786 e 1790 (Edwards, 1967, p. 79). Contudo, a quantidade de algodão exportada pelas colônias britânicas no Caribe ainda não era o suficiente para suprir toda a demanda da indústria têxtil de sua metrópole. No ano de 1789, das 32,6 milhões de libras de algodão importadas pelos empresários britânicos, somente 12,27% desse total eram provenientes das Índias Ocidentais (Edwards, 1967, p. 79; Mitchell, 1971, p. 178).

⁵Tanto o Castelo da Costa do Cabo quanto a cidade de Acra atualmente se encontram no território pertencente à Gana.

⁶Hank é a expressão de um sistema de medidas indireto comumente usado na indústria têxtil britânica e estadunidense. Resumidamente, quanto maior o número de hanks, maior a qualidade do algodão (Cotton Incorporated, 2003, p. 5). Para mais informações, leia a página 18 e 19 do artigo.



C. A GUERRA REVOLUCIONÁRIA AMERICANA E O CULTIVO DE ALGODÃO NA AMÉRICA DO NORTE:

Depois de quase nove anos de conflito, a Guerra Franco-Indígena (1754-1763) tinha chegado ao seu fim. O Reino Unido, para além de resguardar o território de suas colônias no continente americano, conseguiu expandi-lo, conquistando as áreas até então dominadas pela França, e assim passando a controlar toda a porção leste da América do Norte. No entanto, o sucesso britânico não foi alcançado sem consequências (Anderson, 2005).

Devido ao seu alto custo logístico e a sua longa duração, a dívida pública do Reino Unido duplicou ao longo do período da Guerra Franco-Indígena. Para cobrir as despesas geradas pelo conflito, a Coroa Britânica impôs uma série de medidas onerosas e impopulares para aumentar a arrecadação de tributos nas Treze Colônias, desde a Lei dos Selos de 1765 até a Lei do Chá de 1773. Dessa forma, pavimentando o caminho para a Guerra Revolucionária Americana (1775-1783) (Anderson, 2005).

Com a eclosão do conflito, muitos dos cidadãos leais à Coroa Britânica nas Treze Colônias se afugentaram em outras colônias britânicas no continente americano, em especial, as ilhas que compunham as Índias Ocidentais. Estes que passaram a viver do plantio e comércio de uma cultura diferente daquelas a que estavam habituados na América do Norte, – como a cana de açúcar, arroz, tabaco e dentre outras – o algodão (Jasanoff, 2011, p. 283).

O plantio de algodão se espalhou rapidamente por todos os diferentes territórios das Índias Ocidentais. Tanto que, no período entre 1786 e 1787, menos de uma década depois da chegada dos primeiros colonos na região, ilhas como Barbados, Granada, São Vicente e Granadinas, Dominica, Jamaica, Bahamas e dentre outras, passaram a liderar as importações deste insumo ao Reino Unido, com um total de 5.025.000 de libras enviadas para a sua metrópole europeia (Pereira, 2016, p. 15).

No ano de 1783, com o fim da Guerra Revolucionária Americana, alguns dos colonos leais à Coroa que haviam se afugentado nas Índias Ocidentais escolheram voltar para as suas terras nos recém-formados Estados Unidos da América, trazendo consigo sacas de sementes de algodão de Sea Island de seu antigo exílio, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento da produção



de algodão nas regiões costeiras da Carolina do Sul e Geórgia nos anos seguintes (Edwards, 1967, p. 85; Stephens, 1976, p. 397).

O que chama atenção, porém, é a ênfase dada a uma suposta dicotomia entre essas reformas e aquilo que Bolsonaro chama, em dezembro de 2019 durante a LV Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, de retrocesso ideológico, o qual afirmava estar enfrentando com seu governo internamente (Brasil, 2019). O presidente, na ocasião, enfatizou ter pressa para executar as reformas e se opor à ‘ideologia’ no bloco, afirmando que “precisamos levar adiante as reformas que estão dando vitalidade ao Mercosul sem aceitar retrocessos ideológicos” (Brasil, 2019: online).

D. A GUERRA REVOLUCIONÁRIA AMERICANA E O INÍCIO DO PLANTIO DE ALGODÃO NOS ESTADOS UNIDOS:

Até meados do século XVIII, estados como a Carolina do Sul e a Geórgia tinham como uma de suas principais atividades econômicas a produção de arroz e índigo, dois artigos agrícolas capazes de gerar grandes lucros aos seus produtores. Como destacado por Alexander Garden, o arroz “era a maneira lenta, mas certa, de se ficar rico” (Garden, 1775 apud Chaplin, 1991, p. 176, tradução nossa).

Uma das primeiras manifestações de um crescimento expressivo no plantio de algodão nos Estados Unidos ocorreu em 1775, com a eclosão da Guerra Revolucionária Americana (1775-1783). Isso se dá pelo fato de uma das consequências imediatas da revolta nas Treze Colônias ter sido a imposição de sanções econômicas por parte do Reino Unido, impedindo assim a chegada de embarcações carregadas de tecidos à região conflagrada. Portanto, a fim de garantir a confecção de roupas para os civis e militares, os agricultores locais passaram a intensificar o cultivo dos insumos necessários para a sua produção, como algodão, linho, lã, cânhamo, dentre outros (Chaplin, 1991, p. 178).

Enquanto as embarcações britânicas mantinham o bloqueio marítimo às Treze Colônias no decorrer da década de 1770, o plantio de algodão na região crescia paulatinamente, ocupando o espaço de culturas que comumente seriam escoadas para o mercado internacional. A ponto de que na fase final do conflito, a produção local de meadas de algodão passou a exceder a demanda



convencional, permitindo assim a confecção de bens mais rebuscados, desde os uniformes de oficiais militares de alto escalão até os cobertores usados pelos escravizados (Chaplin, 1991, p. 181 e 183).

Com o fim do conflito entre as Treze Colônias e a Coroa Britânica, também chegaram ao fim as sanções comerciais entre os dois beligerantes. Com o restabelecimento do acesso ao mercado internacional, agricultores e empresários de estados como a Carolina do Sul e a Geórgia passaram a abandonar os seus esforços de industrialização e substituição de importações para voltar ao seu antigo modelo econômico (antebellum), baseado no uso de mão de obra escrava e na produção e escoamento de produtos primários ao estrangeiro. Mas, o legado do cultivo de algodão se manteria (Chaplin, 1991, p. 184).

E. OS ESTÍMULOS INTERNACIONAIS PARA O PLANTIO DE ALGODÃO NOS ESTADOS UNIDOS:

No final da década de 1780, os agricultores e empresários estadunidenses passaram a sofrer os impactos da redução nos preços dos principais artigos que faziam parte da sua pauta de exportação e consumo doméstico, como o arroz, índigo, tabaco e dentre outros. Em busca de soluções para a crise que se aproximava, o economista político Tench Coxe propôs o plantio de algodão como uma alternativa para diversificar as culturas no sul dos Estados Unidos (Edwards, 1967, p. 86; Wilson; Fiske, 1900, p. 762).

O algodão era visto por Coxe não só como um insumo com alto potencial de crescimento de demanda e preço, – fatores influenciados diretamente pelo sucesso da indústria têxtil britânica – como também era mais fácil e barato de se plantar, especialmente se comparado com o tabaco, que degradava bastante a qualidade do solo (Edwards, 1967, p. 86)

Poucos anos depois, em 1791, outro fato ajudou a impulsionar ainda mais o plantio de algodão nos Estados Unidos, este que foi a eclosão da revolta de escravos, em São Domingo. No final da década de 1780, a ilha era considerada a mais importante de todas as colônias francesas, sendo responsável pela produção de em média 6,29 milhões de libras de algodão, um número maior do que a soma de toda a produção desse insumo nas Índias Ocidentais Britânicas – que foi de em média 5,02 milhões de libras – no mesmo período (Henoschsberg, 2016, p. 15; Pereira, 2018, p. 15).



Tendo em vista que na época a França representava mais de 17% de todas as exportações de algodão para o Reino Unido, era certo que a perda da "Pérola das Antilhas" teria um grande impacto negativo no fornecimento de algodão à crescente indústria têxtil britânica (Pereira, 2018, p. 15). Logo, os agricultores e empresários estadunidenses que já haviam impulsionado a produção dessa cultura por conta dos comentários de Coxe, viram na revolta de escravos em São Domingo a oportunidade perfeita para preencher a lacuna criada na demanda britânica.

F. O PLANTIO DO ALGODÃO DE SEA ISLAND:

Em um primeiro momento, o cultivo de algodão no final do século XVIII nos Estados Unidos se concentrou na região costeira da Carolina do Sul e da Geórgia. Isso se deve ao fato do algodão de Sea Island⁷ trazido pelos colonos lealistas no final da Guerra Revolucionária Americana ser muito sensível ao clima das regiões no interior do país (Stephens, 1976, p. 395).

Com o passar do tempo, a produção de algodão nos Estados Unidos foi crescendo e amadurecendo, se afastando cada vez mais do estereótipo de que era uma cultura “somente plantada pelas classes mais pobres de pessoas” (Bartram, 1940, p. 75-79, *apud* Stephens, 1976, p. 395, *tradução nossa*) e passando a ocupar vastas áreas de plantio nas propriedades de grandes agricultores na Carolina do Sul e da Geórgia (Edwards, 1967, p. 90).

Sendo um dos casos mais emblemáticos o de Thomas Spalding, uma das figuras mais influentes na agricultura e na política da Geórgia do século XIX (Sullivan, 2020). Spalding foi responsável pela adoção e popularização de técnicas barbadianas de plantio de algodão, estas que permitiram mais do que triplicar a produtividade desta cultura, passando de uma colheita média de 100 libras de algodão por acre de terra, para 340 libras (Edwards, 1967, p. 90).

O sucesso de Spalding chamou a atenção de outros agricultores da região, os quais passaram a replicar tanto o seu cultivo quanto às suas inovadoras técnicas de plantio (EDWARDS, 1967, p. 90). Assim, a produção de algodão nos Estados Unidos rapidamente passou a refletir o sucesso das terras de Spalding.

⁷Segundo os dados apresentados por S. G. Stephens, a variação de algodão cultivada na região costeira da Carolina do Sul e da Geórgia não é exatamente o algodão de Sea Island (*Gossypium barbadense*) encontrado na ilha de Barbados, mas sim uma variante híbrida deste com o algodão de Upland (*Gossypium hirsutum*), este último que é nativo do México e possivelmente do sudeste do estado da Flórida (1976, p. 392; Germplasm Resources Information Network-Global, 2025).



Em 1793, um ano antes de Spalding introduzir e popularizar as novas técnicas de plantio de algodão, a produção total desse insumo nos Estados Unidos foi de 5.230.000 libras, enquanto em 1795, um ano depois da sua implementação, este número saltou para 8.368.000 libras (Bureau of the Census, 1909, p. 22). Representando um aumento de 60% em um espaço de dois anos.

Contudo, mesmo com o grande aumento na produção de algodão nos Estados Unidos, o seu potencial de crescimento ainda era retardado pelas limitações impostas pelo algodão de Sea Island. Logo, a fim de acabar com esse entrave, os agricultores e empresários estadunidenses passaram a buscar por uma nova variação de algodão que permitisse a expansão do cultivo deste insumo ao interior de estados como a Carolina do Sul e a Geórgia, algo que foi encontrado no algodão de Upland (*Gossypium hirsutum*) (Edwards, 1967, p. 90).

G. A POPULAÇÃO DO UPCOUNTRY:

Nos anos que precederam e seguiram o início e o fim da Guerra Revolucionária Americana, os Estados Unidos testemunharam um processo de interiorização da sua população rural e agricultura, com a migração de famílias de agricultores brancos pobres do norte ao sul do país, principalmente para o interior da Carolina do Sul (upcountry) em busca de oportunidades por melhores condições de vida (Chaplin, 1991, p. 187-188).

Por conta da falta de infraestrutura e integração com as regiões em seu entorno, os agricultores do upcountry tinham a necessidade de ter uma produção voltada para a subsistência de suas famílias e autossuficiência das demandas da população. Sendo responsáveis tanto pelo abastecimento de insumos essenciais para a segurança alimentar e bem-estar da população, – como arroz, trigo e proteína animal – quanto aqueles voltados ao mercado, especialmente o tabaco. E também, em menor escala, aqueles necessários para a confecção de roupas, que por conta do calor intenso, tornava o algodão a opção mais apropriada e confortável (Ware, 2023, p. 7-8; Chaplin, 1991, p. 187-188).

Já nas décadas de 1780 e 1790, o upcountry passou por profundas transformações. Por conta da sua proeminente produção de tabaco, os empresários e agricultores da região passaram a pedir ao governo da Carolina do Sul por melhorias nas condições de infraestrutura e logística locais, como a construção de estradas, balsas, canais, armazéns, estações de inspeção e dentre outras



estruturas que permitiam não só melhorar as condições de produção e processamento deste insumo, como também o seu escoamento ao mercado internacional (Chaplin, 1991, p. 192)

No início da década de 1790, as manifestações de Coxe e as notícias sobre a perda da "Pérola das Antilhas" passaram a ressoar no upcountry, atraindo a atenção das elites locais sobre uma nova oportunidade de gerar riquezas e de concretizar o seu antigo desejo de integração ao mercado internacional (Chaplin, 1991, p. 185).

O algodão de Upland (*Gossypium hirsutum*) – já cultivado em pequena escala na região – parecia ser a opção ideal para suprir os anseios dos agricultores e empresários da Carolina do Sul e da Geórgia. Pois em comparação com o algodão de Sea Island: não sofria limitações em relação ao clima do upcountry, poderia ter até o dobro do tamanho, era mais resistente a mudanças no clima, se desenvolvia mais rápido e era mais fácil de se fiar (Edwards, 1967, p. 93 e 95).

Entretanto, o algodão de Upland sofria de uma grande desvantagem em seu processo de descaroçamento, levando até um dia inteiro para um trabalhador conseguir somente uma libra de suas fibras (Hammond et al., 1897, p. 91). Portanto, sem os descaroçados adequados para processar o algodão de Upland, as ambições de ampliar o seu cultivo estavam paralisadas

H. A COTTON GIN DE ELI WHITNEY E O ALGODÃO DE UPLAND:

No ano de 1793, Eli Whitney, um recém-graduado da Universidade de Yale, foi convidado para trabalhar como professor particular da família do falecido General de Brigada Nathanael Greene (Saba, 2004). Foi durante o seu tempo na propriedade de Mulberry Grove, a 20 milhas da cidade de Savannah, que Whitney ouviu os primeiros relatos sobre a dificuldade de descaroçar o algodão de Upland, e também de que aquele que criasse uma máquina capaz de facilitar tal processo, traria grandes benefícios não só ao campo, como também a si próprio. Sabendo disso, em um espaço de dez dias, Whitney construiu o primeiro protótipo daquela que ficaria conhecida como a *cotton gin* (Whitney, 1793 *apud* Hammond et al., 1897, p. 99-100).

Segundo os relatos de Whitney, somente com a força de um operador a *cotton gin* poderia processar até dez vezes mais algodão do que quaisquer descascadoras de algodão que a tenham precedido. Caso fossem usadas fontes de energia mais potentes, como a força de um cavalo ou então a correnteza de um rio, então a descascadora de Whitney poderia processar mais algodão



do que cinquenta homens operando as antigas *churkas*⁸ (Whitney, 1793 *apud* Hammond *et al.*, 1897, p. 100)

Whitney não acreditava que a invenção da *cotton gin* o traria a independência financeira, mas tinha a certeza do seu sucesso e de algumas dezenas de milhares de dólares (Whitney, 1793 *apud* Hammond *et al.*, 1897, p. 100). Por conta disso, uma das maiores preocupações de Whitney foi manter a sua invenção em segredo até que fosse patenteada. Em uma carta endereçada ao seu pai, o inventor escreveu: "Desejo que você, senhor, não mostre esta carta e nem comunique quaisquer dos seus conteúdos para ninguém, exceto os meus irmãos e irmã" (Whitney, 1793, p. 100 *apud* Hammond *et al.*, 1897, *tradução nossa*).

Em 14 de março de 1794, a *cotton gin* foi patenteada (National Archives, 2022). Com os direitos a sua invenção em mãos, Whitney e o seu parceiro de negócios, Phineas Miller, passaram a distribuí-la aos produtores de algodão do sul dos Estados Unidos, cobrando apenas uma taxa de $\frac{1}{8}$ dos lucros gerados pelo seu uso (Schur, 2001, p. 5).

Impressionados por finalmente conseguirem descaroçar o algodão de Upland com facilidade, mas enfurecidos por terem de pagar uma taxa a Whitney, os produtores de algodão contornaram esta cobrança ao criarem as suas próprias versões da *cotton gin*, alegando que fossem invenções completamente novas (Schur, 2001, p. 5).

Whitney e Miller processaram todos aqueles que piratearam a sua invenção, mas os seus esforços não geraram grandes resultados. Até o ano de 1803, o valor arrecadado pelas disputas judiciais com os estados produtores de algodão foi de somente US\$ 90.000, do qual a maior parte foi gasta com os custos de suas equipes jurídicas (Wilson, 1954, p. 78-83). Whitney faleceu em 1825, sem lucrar um tostão com a sua invenção, e muito menos testemunhar o seu impacto em seu país (Schur, 2001, p. 5)

Com a criação da *cotton gin*, a produção de algodão de Upland no interior dos Estados Unidos tinha se tornado uma realidade. No final do século XVIII, os empresários e agricultores do upcountry rapidamente passaram a converter as suas técnicas de plantio e infraestrutura de processamento de tabaco para o algodão.

⁸A *churka* é uma das descaroçadoras de algodão mais antigas criadas no mundo. Não existem informações precisas sobre o local e data da sua invenção, mas há relatos do seu uso ao longo de séculos na Ásia e no Oriente Médio (Armijo *et al.*, 2020, p. 35).



Isto é, assim como o tabaco, o algodão de Upland passou a ser cultivado a partir da sua "desponta e desbrota"⁹, estações de inspeção de tabaco passaram a inspecionar algodão e até mesmo as prensas que faziam os fardos redondos de tabaco, passaram a fazer fardos redondos de algodão (Chaplin, 1991, p. 188-189). Como destacado por Joyce E. Chaplin "o tabaco pavimentou o caminho para o algodão" (Chaplin, 1991, p. 193, *tradução nossa*).

Em 1802, com uma produção de mais de 57.530.000 libras de algodão, os Estados Unidos superaram as Índias Ocidentais e se tornaram os maiores e mais importantes fornecedores desse insumo à indústria têxtil britânica, posição que ocuparam até o início da Guerra de Secessão (1861-1865) (Bureau of the Census, 1909, p. 22; Edwards, 1967, p. 93).

I. A INDÚSTRIA TÊXIL BRITÂNICA E O TRATADO DE EDEN:

Na França do século XVIII, a política comercial do país era caracterizada pela proibição de importações, autossuficiência e o escoamento de excedentes ao mercado internacional. Em 1784, no entanto, a dívida pública francesa alcançou o valor de **tt** 3.400 milhões (livres francesas), forçando os órgãos subordinados ao rei Luís XVI a implementar reformas radicais a fim de aumentar a arrecadação e assim evitar o colapso do seu sistema financeiro (Henderson, 1957, p. 104-105).

Dessa forma, uma das propostas colocadas na mesa foi a criação de um acordo comercial com um antigo inimigo dos franceses, o Reino Unido. Pois a ratificação de tal acordo garantiria benefícios tanto econômicos – como o aumento no volume e na arrecadação de receita de importações que entravam legalmente no país e a abertura de um novo grande mercado para a exportação de seus produtos – quanto diplomáticos à França, representando um importante primeiro passo para a reconciliação entre os dois Estados (Henderson, 1957, p. 105-106).

Em dezembro de 1785, William Pitt, então primeiro-ministro do Reino Unido, indicou William Eden para intermediar as discussões sobre um possível acordo comercial com a França (Henderson, 1957, p. 106-107). Poucos meses depois, Eden passou a articular com Mathias J. de Rayneval, o então primeiro-ministro de Relações Exteriores da França, um esboço daquele que

⁹O processo de "desponta e desbrota" consiste na poda da extremidade do ramo principal (ápice) e na remoção do excesso de brotos de uma planta (ladrões), concentrando a sua seiva nas partes onde se desenvolvem os frutos, melhorando a sua produtividade e qualidade (Leão, 2004).



ficaria conhecido como Tratado Eden-Rayneval, ou então, simplesmente Tratado de Eden (Henderson, 1957, p. 107).

Em um primeiro momento, o esboço do Tratado de Eden não foi muito bem recebido por Pitt e outras figuras influentes do Reino Unido, especialmente por impactar negativamente os interesses dos agentes de sua indústria têxtil – ao permitir a entrada de tecidos de seda franceses no mercado britânico – e por manter em vigor algumas proibições e taxas protecionistas por parte da França. Mas, depois de muitas discussões e mudanças, em 10 de novembro de 1786, o acordo foi ratificado pelos dois Estados (Henderson, 1957, p. 107-108).

Depois de séculos de conflitos e desentendimentos, a França e o Reino Unido passaram a gozar de um acesso mútuo e facilitado entre os seus mercados. Ou seja, os mestres-tecelões britânicos passaram a pagar as mesmas taxas de 12% do que os seus concorrentes holandeses e belgas para vender os seus tecidos de algodão no mercado francês. Enquanto os vinicultores franceses passaram a pagar as mesmas taxas de 12% do que os seus concorrentes portugueses para vender os seus vinhos no mercado britânico (Henderson, 1957, p. 108).

Entretanto, mesmo que o Tratado de Eden tenha gerado expressivos superávits na balança comercial francesa, – como o aumento de mais de 100% nas exportações de vinhos franceses ao mercado britânico nos três primeiros anos do acordo comercial (Henderson, 1957, p. 111) – ele também foi responsável por acentuar a já grave crise econômica e social que havia no país (Henderson, 1957, p. 108-109).

Em um memorando publicado pela Câmara de Comércio da cidade de Amiens, conhecida pela sua proeminente indústria têxtil (Reddy, 1984, p. 26), é destacado que desde a assinatura do Tratado de Eden até o ano de 1788, a sua produção de tecidos caiu pela metade, enquanto a sua força de trabalho perdeu mais de 700 tecelões até meados de 1787 (Henderson, 1957, p. 112). Isso aconteceu por conta da entrada massiva de tecidos de algodão britânicos no mercado francês e a introdução de novas máquinas de fiar na região (Henderson, 1957, p. 112).

Devido a sua produção em escala industrial, os tecidos de algodão britânicos tinham uma vantagem comparativa muito maior em relação às suas contrapartes francesas, oferecendo um produto mais acessível e de melhor qualidade. Enquanto as novas máquinas de fiar podiam



processar até oitenta vezes mais algodão do que os métodos convencionais da época, exigindo muito menos força de trabalho (Edwards, 1967, p. 4; Chapman, 1972, p. 20-21).

Dessa maneira, as poucas indústrias têxteis que restaram em Amiens não tiveram outra opção senão dispensar grande parte de seus trabalhadores, gerando grande insatisfação popular e agravando, ainda mais, a frágil economia francesa (Henderson, 1957, p. 112). Depois de ser acometida por problemas climáticos que assolaram as safras de 1788 e 1789, e que consequentemente deterioraram as condições de segurança alimentar da população francesa, o país enfrentava uma "tempestade perfeita" que dificilmente seria contornada. Em janeiro de 1793, o rei Luís XVI foi guilhotinado, e junto dele, o Tratado de Eden chegou ao seu fim, encerrando os esforços econômicos e diplomáticos entre a recém formada Primeira República Francesa (1792-1804) e as autoridades britânicas (Henderson, 1957, p. 112).

J. A PRESSÃO FRANCESA E O CONTRABANDO BRITÂNICO NA EUROPA CONTINENTAL:

Com o fim do Tratado de Eden e a eclosão das Guerras Revolucionárias Francesas (1792- 1801) ao redor da Europa continental, a indústria têxtil britânica passou a escoar a sua produção e tecidos para novos mercados, em especial no continente americano (Edwards, 1967, p. 12). Em países da América do Norte como os Estados Unidos, as importações de tecidos de algodão entre os anos de 1793 e 1794 aumentaram quase 70% (Bureau of the Census, 1909, p. 22).

Visando desestabilizar o setor mais importante da economia britânica, as autoridades francesas passaram a promover a figura dos corsários. Isto é, agentes privados que tinham a missão de interceptar e apreender embarcações comerciais britânicas que estivessem navegando irregularmente tanto na Europa quanto no Novo Mundo (Jenkins, 1998, 130-131).

Portanto, em um Estado fragilizado por um intenso processo revolucionário e em conflito com outras potências europeias, o fomento à atividade corsária se mostrou a decisão mais apropriada por parte das autoridades francesas para proteger a sua região costeira, especialmente do contrabando de produtos estrangeiros (Jenkins, 1998, p. 146).

Mas, como destacado por H. J. Jenkins, "um grave assédio ao comércio, em vez de um verdadeiro estrangulamento, seria um resumo justo das conquistas da atividade corsária no Mar do Norte" (Jenkins, 1998, p. 141, tradução nossa). Tendo isso em mente, em 21 de novembro de



1806, Napoleão Bonaparte assinou o Decreto de Berlim, instituindo o Bloqueio Continental (1806 - 1814), o qual proibia qualquer forma de contato ou comércio com o Reino Unido (Bonaparte, 1806).

Diferentemente dos corsários franceses, o Bloqueio Continental representou uma verdadeira ameaça à estabilidade econômica britânica, pois institucionalizou os mecanismos de fiscalização e repressão contra as embarcações que navegavam nos mares europeus. Isso se deu com a criação de um conjunto de restrições legais e a designação das autoridades competentes, como os “ministros de Relações Exteriores, da Guerra, da Marinha, das Finanças, da Polícia e os nossos diretores-gerais dos serviços postais” (Bonaparte, 1806, tradução nossa). Dado a isso, o contrabando se tornou a única opção viável para os empresários da indústria têxtil britânica escoarem os seus produtos ao mercado da Europa continental (Knight, 2013, p. 401).

Um dos fatores que favoreceu esse tipo de prática foram as consequências do Bloqueio Continental nas regiões ocupadas pelo Império Francês. Pois depois da sua implementação, a população de cidades costeiras como Tönning, Lübeck e Hamburgo passaram a sofrer com altíssimas taxas de desemprego, pois não havia mais quem receber em seus portos “legalmente”. Dessa maneira, surgiu uma grande massa de dezenas de milhares de trabalhadores ociosos que passaram a olhar para o contrabando como uma forma de sustento (Knight, 2013, p. 402-403).

Sendo assim, o Bloqueio Continental falhou em seu objetivo de isolar o Reino Unido da Europa continental. Tendo isso acontecido não só por conta do seu caráter economicamente insustentável para os empresários e agricultores franceses, – os quais perderam o acesso a um importante mercado para escoar a sua produção de bens primários e manufaturados – como também pelos grandes esforços das autoridades britânicas para facilitar o contrabando na região (Knight, 2013, p. 403).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente as informações e dados apresentados ao longo do artigo científico, é possível constatar que a indústria têxtil britânica teve um papel central para a Guerra Civil nos Estados Unidos. O Bloqueio Continental acelerou o redirecionamento da relação comercial com as colônias e ex-colônias.



Os custos menores e a relação colonial da Inglaterra com o Sul dos Estados Unidos, no qual o modo de produção escravista colonial foi mantido, a despeito da independência formal e da consolidação do modo de produção capitalista no Norte, catapultaram produção de algodão, matéria prima fundamental para a indústria têxtil. O bloqueio naval feito pelo Norte ao Sul logo no início da guerra revelou a importância do elo entre Sul e Inglaterra. O Reino Unido não só dependia das exportações de algodão dos Estados Unidos, como também da sua mão de obra de escravizados, tanto que quando os frutos desta foram interrompidos, os seus efeitos foram fortes e imediatos para a economia britânica.

Em suma, os argumentos supramencionados demonstram a relação da ascensão britânica no sistema de Estados e a relação de sua indústria têxtil e o modo de produção escravista colonial no Sul dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexander, J. and Binski, P. (1987) *Age of chivalry: art in Plantagenet England 1200-1400*. London: Orion Publishing.

Anderson, F. (2005) 'The Real First World War and the Making of América: It has taken us two and a half centuries to realize just how important this conflict was', *American Heritage*, 56(6), nov./dez.

Armijo, C. B. et al. (2020) 'Engineering and ginning: development of the cotton gin', *The Journal of Cotton Science*, 24(1), pp.34-43, jan./mar.

Bonaparte, N. (1806) *Décret impérial qui déclare les Îles britanniques en état de blocus*. Fondation Napoléon, [online]. Disponível em: <https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/articles/decret-du-blocus-continental-du-21-novembre-1806/> [Acesso em: 30 nov. 2024]



Bureau of the Census (1909) Bulletin 100: cotton production. Washington: Government Printing Office.

Chapman, S. D. (1972) The cotton industry in the Industrial Revolution. London: The Macmillan Press.

Cotton Incorporated (2003) Yarn numbering systems: TRI-1014. Cotton Incorporated, [online]. Disponível em: https://www.cottonworks.com/wp-content/uploads/2017/11/TRI_1014_Yarn_Numbering_TB.pdf [Acesso em: 30 nov. 2024]

Edwards, M. M. (1967) Growth of the British cotton trade, 1780-1815. Manchester: Manchester University Press.

Ford, L. K. (1985) 'Self-sufficiency, cotton, and economic development in the South Carolina Upcountry, 1800-1860', The Journal of Economic History, 45(2), pp.261-267, jun.

Germplasm Resources Information Network-Global (2025) Taxon: *Gossypium hirsutum* L. Germplasm Resources Information Network-Global, [online]. Disponível em: <https://npgsweb.ars-grin.gov/gringlobal/taxon/taxonomydetail?id=17917> [Acesso em: 14 fev. 2025]

Hammond, M. B. et al. (1897) 'Correspondence of Eli Whitney relative to the invention of the cotton gin', The American Historical Review, 3(1), pp.90-127, out.

Hargrett, E. (2009) Cotton gins. New Georgia Encyclopedia, [online]. Disponível em: <https://www.georgiaencyclopedia.org/articles/history-archaeology/cotton-gins> [Acesso em: 30 nov. 2024]



Henochsberg, S. (2016) Public debt and slavery: the case of Haiti (1760-1915). Dissertação de Mestrado, Paris School of Economics.

Hobsbawm, E. J. (1999) Industry and empire: from 1750 to the present day. London: Penguin Books.

Irwin, D. A. (2020) 'Trade policy in American economic history', Annual Review of Economics, 12, pp.23-44, mai.

Jasanoff, M. (2011) Liberty's exiles: American loyalists in the Revolutionary World. New York: Alfred A. Knopf.

Jenkins, H. J. K. (1998) 'Images in peace and war: British sea-going trade and French commerce raiding, circa 1790-1801', in Bouncé, P.-G. (ed.) Guerres et Paix: La Grande-Bretagne du XVIIIe siècle. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, pp.83-95.

Knight, R. (2015) Britain against Napoleon: the organization of victory, 1793-1815. London: Penguin.

Landes, D. (1969) The unbound Prometheus: technological change and industrial development in Western Europe from 1750 to the present. Cambridge: Cambridge University Press.

Leão, P. C. (2004) Cultivo da videira. EMBRAPA, [online]. Disponível em: http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/sistema_producao/spvideira/tratos.htm [Acesso em: 19 fev. 2025]



Marx, K. and Engels, F. (2022) A guerra civil dos Estados Unidos. São Paulo: Boitempo.

Mitchell, B. R. (1971) Abstract of British historical statistics. Cambridge: Cambridge University Press.

National Archives (2022) Patent for cotton gin (1794). National Archives, [online]. Disponível em: <https://www.archives.gov/milestone-documents/patent-for-cotton-gin> [Acesso em: 30 nov. 2024]

O'Neill, A. (2024) Number of military fatalities in all major wars involving the United States from 1775 to 2024. Statista, [online]. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1op2dOnRDP4NtFm1NVy_UpqzqxMx0JTfDx_iBvn8W5d8/edit?tab=t.0 [Acesso em: 16 fev. 2025]

Parish, P. J. (1975) The American Civil War. New York: Holmes & Meier Publishers.

Pereira, T. A. Z. (2018) The rise of the Brazilian cotton trade in Britain during the Industrial Revolution. Cambridge: Cambridge University Press.

Reddy, W. M. (1984) The rise of market culture: the textile trade & French society, 1750-1900. Cambridge: Cambridge University Press.

Saba, N. D. (2004) Nathanael Greene: 1742-1786. New Georgia Encyclopedia, [online]. Disponível em: <https://www.georgiaencyclopedia.org/articles/history-archaeology/nathanael-greene-1742-1786/> [Acesso em: 30 nov. 2024]



Schur, J. B. (2001) Eli Whitney's patent for the cotton gin. Washington: National Archives and Records Administration.

Secretary of the Interior (1864) 1860 census: population of the United States. Washington: Government Printing Office.

Sullivan, B. (2003) Thomas Spalding: 1774-1851. New Georgia Encyclopedia, [online]. Disponível em: <https://www.georgiaencyclopedia.org/articles/history-archaeology/thomas-spalding-1774-1851/> [Acesso em: 16 nov. 2024]

Surdam, D. G. (1998) 'The Union Navy's blockade reconsidered', Naval War College Review, 51(4), pp.85-107, set./dez.

Wilson, J. G. and Fiske, J. (1900) Appletons' Cyclopædia of American biography, vol. 1. New York: D. Appleton and Company.

Wilson, M. A. (1954) American science and invention: a pictorial history. New York: Simon & Schuster.

